

PREDADORES: quando a literatura narra as relações de poder em Angola¹

PREDADORES: when literature recounts the relations of power in Angola

PREDADORES: cuando la literatura narra las relaciones de poder en Angola

SILVIO DE ALMEIDA CARVALHO FILHO

Professor doutor da na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

silvioacf@gmail.com

Resumo: Este artigo esquadrinha as relações de poder, em Angola, emergentes em *Predadores*, romance escrito por Pepetela, um dos mais instigantes intelectuais angolanos da atualidade. Ao delinear como o autor narra o “outro”, em especial, a apropriação do público pelo privado, assim como o oportunismo político, detectamos os contornos de seu posicionamento político. As principais temáticas sobre as relações de poder, recortadas nessa obra, comprovam que a sua literatura estrutura uma crítica sócio-política, extremamente perspicaz, da sociedade e dos Estados angolanos contemporâneos.

Palavras-chave: Angola. Pepetela. Relações de Poder.

Abstract: This article discusses the power relations in emergent Angola in *Predadores*, a novel written by Pepetela, one of the most intriguing Angolan scholars nowadays. By analyzing how the author narrates the “other”, in particular, the appropriation of the public by the private sector, we can identify the contours of his political stance. The main themes on the power relations focused on the novel evidence that his literature structures extremely clever socio-political criticism of both Angolan contemporary society and State.

Keywords: Angola. Pepetela. Power relations.

Resumen: Este artículo explora las relaciones de poder en Angola emergentes en *Predadores*, novela escrita por Pepetela, uno de los más importantes intelectuales angoleños hoy. Para esbozar cómo el autor dice el "otro", en particular la apropiación de público para el oportunismo privado, así como política, detectamos su posicionamiento político. Las principales temáticas sobre las relaciones de poder recortadas en este trabajo vienen comprobar que la literatura estructura una crítica sociopolítica bastante perspicaz de la sociedad y de los Estados angoleños contemporâneos.

Palabras clave: Angola. Pepetela. Relaciones de poder.

Analisaremos, neste artigo, fragmentos da obra literária *Predadores* de Pepetela, o literato angolano mais importante na atualidade, apresentando a ideia de como uma obra de ficção torna-se interessante para a análise do pensamento social e político de um intelectual. É inegável que percorremos essa escritura pepeteliana, curiosos por compreender de que forma o autor relata e interpreta as relações de poder e a natureza do Estado Angolano.

Pepetela foi um crítico reformista², de algumas atuações políticas do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), ao qual pertencia, desde *Mayombe* (escrito entre 1970 e

¹ Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2015 e aprovado para publicação em junho de 2015.

² Classificamos Pepetela como um crítico reformista, porque, apesar de reprovar algumas atuações do MPLA, a ele pertencia e não queria desestabilizar a sua hegemonia sobre a sociedade angolana.

1971, mas publicado em 1980), até *O Cão e os Calús* (vindo a lume em 1955). Com o abandono, cada vez mais intenso dos ideais socialistas, por parte do governo do MPLA, seu juízo vai se tornando cada vez mais mordaz. Depois de *A Geração da Utopia* (em 1992), aparece como propositor de uma ética, nas relações, ainda pautada por um telossocializante, fato notório em *O Desejo de Kianda* (publicado em 1995). Com a expansão da corrupção e a continuidade do autoritarismo, açula a sua crítica em *Predadores* (editado em 2005). Essa característica acentua-se, imediatamente, ao seu afastar do centro do poder, depois de 1982, e com a perda de influência dos teóricos marxistas, junto ao governo angolano, em meados da década de 1980, expressa pelo afastamento de Lúcio Lara do Bureau Político, em 1985, pelo qual Pepetela possuía admiração. Um *staff*, mais ligado ao novo presidente José Eduardo dos Santos e mais afeito à sociedade de mercado, consolidava-se no poder, desde o II Congresso do MPLA (1985), substituindo os mais à esquerda, prevenindo que o partido se tornasse um poder paralelo à Presidência.³ A partir daí, o prestígio de Pepetela deve-se mais ao seu reconhecimento como escritor do que por possuir algum poder estritamente político.

Predadores situa a sua narrativa entre 1974 – “ano da Revolução dos Cravos⁴ e um [...] antes da independência” de Angola – “passando pelos tempos brutais da Guerra Civil, até 2004, dois anos após o memorando de cessar fogo definitivo”, oferecendo uma cronologia historicizante à sua ficção. Portanto, o cronotopos da obra espraia-se por uma Angola, em especial Luanda, durante o período socializante, de 1975 a 1990, e à afirmação da economia de mercado capitalista, que se lhe segue⁵.

Ao analisarmos esse texto de Pepetela, estivemos atentos às “relações que os vários elementos” mantinham “entre si”, e se essas correlações ou feixes constituíam unidades de significação, aos quais pudéssemos denominar de temas ou conteúdos. Nesta abordagem, selecionamos algumas de suas temáticas atinentes às relações de poder em Angola.

A nossa preocupação foi, não só compreender as práticas e os discursos relatados

³ HODGES, Tony. *Angola: do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem*. Cascais (Portugal): Principia, 2003. p. 79; A ORAÇÃO de sapiência de Pepetela: "Quanto mais riqueza têm mais querem ter". 19 mar. 2009. Club-K - Notícias imparciais & balanceadas de Angola. Disponível em: <x.php?option=com_content&view=article&id=2340:a-oracao-de-sapiencia-de-pepetela&catid=9:preto-e-ranco&Itemid=662>. Acesso em: 17 maio. 2011; VIDAL, Nuno. The Angolan regime and the move to multiparty politics. In: CHABAL, Patrick; VIDAL, Nuno (Ed.). *Angola: the weight of history*. London: Hurst & Company. p. 141.

⁴ Revolução ocorrida em 25 de abril de 1974 em Portugal que determinou o fim do regime salazarista.

⁵ PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. *Aparando as arestas: um retrato das gerações pré e pós-74 em Portugal e Angola*. 2011. 212 f. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. p. 18; Cf. PESTANA, Nelson. A classe dirigente e o poder em Angola. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais...*Coimbra: CES, 2004.p. 3

pelo narrador ou personagens, em relação à natureza do Estado e das relações de poder⁶, mas também identificar o conjunto de condições históricas, que estava condicionando o que podia ser dito e feito. Importou-nos construir o subtexto, compreendido como “a apreensão dos valores veiculados pelo texto, por desígnio dos ordenamentos culturais”, políticos, sociais do autor, do narrador e das personagens.

Dessa forma, procuramos detectar as relações de poder e as características do Estado, que emergem no livro, confrontando com outras inferências, suscitadas pelas leituras de parte da bibliografia sobre a história angolana, referente ao cronotopos escolhido para a obra. Por conseguinte, sentidos escolhidos foram supra individuais e sociais e o enunciado não podia “ser a unidade mínima” de nossa interpretação, mas sim o interdiscurso, ou seja, o intercâmbio discursivo entre nós, Pepetela, o narrador e as personagens de *Predadores*, assim como com seus outros comentadores e com quaisquer outros discursos que se pudessem conectar com esses agentes⁷.

Em *Predadores*, a ficção não remete “a territórios nitidamente separados” da não ficção, pois seu narrador e personagens contavam e viviam histórias possíveis, dentro do contexto histórico ao qual se referiam, imprimindo ao texto “um grau de veracidade”, como se estas pudessem ter acontecido⁸. Logo nas primeiras páginas, o narrador irrompe, informando-nos possuir “fôlego para [...] a História”⁹. Essa asserção arroubada possuía validade, pois a História e a Literatura, ao armarem a intriga ou o enredo, ao organizarem os “fatos dispersos” na experiência do vivido, almejam obter um efeito explicativo para lhes dar sentido. Pepetela mostrava-nos que a sua ficção, às vezes, se aproxima muito do verossímil,¹⁰ tanto quanto o narrar da História.

Nós, os historiadores, temos de admitir que, em determinados assuntos, “a literatura possa ser [também] considerada como uma leitora privilegiada dos acontecimentos históricos”. Realizando essa tarefa, *Predadores* foi construído como uma verdadeira metaficção historiográfica; em outras palavras, um romance, autorreflexivo, que se apropriou dos fatos históricos, ensejando uma releitura crítica do passado e do presente.¹¹ A sua ficção

⁶VERÓN, Elisseo. *La semiosis social*. Barcelona: Gedisa, 1998. p. 193; ANSELMINO, Natalia Raimondo. O ocaso do modelo intencional: a noção de “estratégia discursiva” sob o olhar sócio-semiótico. *Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista*. maio 2011. Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/u/38>>. Acesso em: 7 jan. 2012. p. 5.

⁷ANSELMINO, op. cit., p. 5.

⁸KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras. p. 13; 110; Cf. REIS, op. cit., p. 44; 78.

⁹PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, [2005]. p. 21.

¹⁰REIS, José Carlos Reis. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 70; Cf. KLINGER, op. cit., p. 39; 65; 71.

¹¹MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de; ALVES, Gabriela Santos. Os desafios teóricos da história e a

teve como paradigmas os grupos sócio-políticos, as ideologias e as grandes questões sociais mais prementes, havendo forte homologia entre ela e o acontecido. Essa preocupação com o social levou-o a estudar Sociologia, antes de assumir a ficção como principal produto intelectual. Sua literatura não delineou apenas o retrato de uma época, mas também um posicionamento político claro e combativo. Comprometido com a visão socialista da história, produziu uma realidade estética, que problematizou o social, ao propor uma utopia a ser concretizada ou ao amargar a traição dessa. Consciente da diretriz do seu ficcional, afirmava que “o papel da literatura consiste em levantar os problemas”¹². Admite a sua literatura como um rico “veículo de conhecimentos de situações, de modos de vida e de pensar, dentro do país”. Em suma, colocou-nos a questão de que o binarismo entre fato e ficção pode ser falacioso¹³.

Em *Predadores*, confluíram duas perspectivas: a escrita de si e a escrita do outro, tornando-se, assim, uma ficção partícipe do espaço autobiográfico de Pepetela, ou seja, ao escrever ou dar uma versão sobre o outro ou a permitir a escrita do outro, o escritor retraçou, a contrapelo, um subtexto de si, “um retorno a si próximo pela mediação do outro”, um conjunto de valores construídos pelos seus ordenamentos culturais e ideológicos. Dessa forma, indiciava que o lugar de sua enunciação era, ao mesmo tempo, ficcional e (auto) referencial. Pepetela tornou-se um efeito de sua linguagem, um personagem que se construiu discursivamente, contribuindo para a sua auto formação, pois, ao escrever, mostrou-se, expôs-se, silenciou-se. Exerceu “a arte da *performance*”, que supunha “uma exposição” indireta ou direta, de si mesmo, como enunciador, assim como do lugar de sua enunciação, representando a sua identidade “como um trabalho” inacabado, “de constante restauração”¹⁴.

O livro transborda de sátiras às práticas políticas, inclusive as do MPLA, do qual Pepetela foi militante e com o qual, hoje, nutre uma relação não plenamente confortável. O protagonista, Vladimiro Caposso, permite a Pepetela contar-nos sobre MPLA, um herói, tornando-o uma espécie de anti-herói, como Caposso, dando-nos subsídios para interpretarmos, pela visão escritor, as práticas de poder e da natureza do Estado, vigentes em

literatura. *História Hoje*. Revista Eletrônica de História. São Paulo, v. 1, n. 2, dez. 2003. Disponível: <<http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n2/historialiterat.htm>>. Acesso em: 7 out. 2008. p. 2; 4;7; CARREIRA, Shirley. A Maggot: a ficção como leitura alternativa do passado histórico. *Sincronia*. A Journal for the Humanities and Social Sciences. Department of Literature. University of Guadalajara (Mexico), winter-invierno. Disponível em <<http://sincronia.cucsh.udg.mx/maggot.htm>>. Acesso em: 9 set. 2008.

¹²RIAÚZOVA, Helena. *Dez anos de literatura angolana: ensaio sobre a moderna literatura angolana, 1975-1985*. Luanda: União dos Escritores Angolanos; Lisboa: Edições 70, 1987. p. 40; Cf. LABAN, Michel. *Angola, encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida, v.2. p. 775-777.

¹³LAVRA E OFICINA. *União dos Escritores Angolanos*, Angola: União dos Escritores Angolanos, n. 5, fev. 1979, p. 4; 12. Cf. KLINGER, op. cit., p. 13.

¹⁴KLINGER, op. cit., p. 26-27; 56 Cf. 12-13;28;32;39;62-63;77.

Angola.

Seu narrador testemunhou, um ano antes da independência de Angola, o estabelecimento, em Luanda, das organizações políticas do MPLA, vindas do exílio, aproveitando, então, esse momento para afirmar, profeticamente, aquilo que o autor já sabia em 2004: “esse MPLA nunca fará revolução proletária”¹⁵. Manifestava-se, assim, uma frustração de uma utopia não realizada.

Na vasta obra literária de Pepetela, *Predadores* foi o único livro que se referiu à fracassada Revolta Nitista de 27 de maio de 1977, capitaneada pelo ex-Ministro do Interior e membro do Comitê Central do MPLA, Nito Alves, líder de grupos de extrema-esquerda, ligados ao denominado “Poder Popular”, na área dos musseques que, tendo desafiado o poder de Agostinho Neto e de seu grupo, perdera seus cargos. A Revolta Nitista surgiu como “um levantamento de militantes, mortes, e depois prisões em massas e execuções”, durante o qual imperou “a lei militar.” “Depois do 27 de maio e subsequente repressão”, afirmou o narrador, foi uma “época em que todos desconfiavam de todos [...] cada um tendo medo de falar o que lhe ia na alma”.¹⁶ Encontra-se, nesse trecho, a única passagem referente ao Movimento Nitista. Como explicar que um autor com uma enorme produção literária, na qual a política angolana foi retratada de forma tão questionadora – fato reconhecido até pelo intelectual nitista e ex-torturado, o historiador Carlos Pacheco – silenciara sobre um dos acontecimentos mais traumatizantes do pós-independência? Apesar de ser instigado pelo escritor Eduardo Agualusa, Pepetela afirmou que ainda não se sentia inspirado a trazer esse tema para o seu texto literário. Entretanto, haveria mais razões dessa omissão? Somos tentados a responder essa questão, mesmo que seja para colocar hipóteses ou relembrar... Afinal, “é mais importante entender do que lembrar, embora, para entender, também seja preciso lembrar.”¹⁷ Nesse sentido, em novembro de 2005, Pepetela, no *Semanário Angolense*, em resposta a um artigo publicado, que colocara “dúvida” quanto à atuação dele nos acontecimentos, no Movimento Nitista, assegurava que pertencera

a uma comissão criada pelo Bureau Político do MPLA, com mais de uma dezena de pessoas, com objetivo de selecionar entre os depoimentos dos detidos na altura do levantamento de 27 de Maio, os que seriam mais elucidativos para serem

¹⁵ PEPETELA, [2005], p. 96; Cf. PEPETELA, o artista das palavras (Entrevista com Pepetela). *O País. Dossier Escritores*. Capa n. 33. Disponível em: <http://www.opais.net/pt/dossier/?id=1904&det=8212>>. Acesso em: 17 maio. 2011; ANGOLA, 20 anos depois. Disponível em:<<http://www.arlindo-correia.com/200601.html>.>. Acesso em: 14 jul. 2011.

¹⁶ PEPETELA, [2005], p. 155; Cf. MARCUM, John A. *The Angolan Revolution*. v. 2: Exile Politics and Guerrilha Warfare (1962-1972). Massachusetts: The MIT Press, 1978. p. 260; 272;279;281;432;445.

¹⁷ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 22; Cf. PACHECO, Carlos. *Angola, um gigante com pés de barro* (e outras reflexões sobre a África e o mundo). Lisboa: Nova Vega, 2010. p. 75.

transmitidos pelos órgãos de informação. Essa comissão trabalhou com depoimentos gravados ou com os feitos de viva voz¹⁸.

Ao admitir essa participação, chamou a atenção para o fato de que não era o único membro da Comissão. Segundo o testemunho de Carlos Pacheco, dela compartilharam “altos funcionários do Governo, dignitários do Partido, escritores e comandantes das Forças Armadas”: Ambrósio Lukoki, (ministro da Educação e membro do *Bureau* Político); Paulo Jorge (Ministro das Relações Exteriores); Diógenes Boavida (Ministro da Justiça); Pepetela (Vice-Ministro da Educação e escritor); Manuel Rui Monteiro (ex-Ministro da Comunicação Social e escritor); Fernando Costa Andrade (Diretor do *Jornal de Angola* e escritor); Paula Pena (advogada); João Baião (agente da Direção de Informação e Segurança Pública de Angola - DISA). Pacheco declarou que, ao ser interrogado por essa Comissão, fora impedido de se defender e ameaçado de tortura, caso não falasse. Cobrando, em dezembro de 2005, de Pepetela, a responsabilidade naquele processo, Pacheco disse que os interrogadores “não estavam ali para ouvir as vítimas, mas para as ridicularizar e condenar pelo que elas simbolizavam ideologicamente”¹⁹. Nesse ano, Pepetela, por ser, então, a personalidade intelectual mais famosa, inclusive no exterior, foi o mais interpelado, por Carlos Pacheco, por ter participado da Comissão.

Pepetela defendeu-se, reafirmando que a Comissão da qual participara só captava os depoimentos e, se “havia outras Comissões que faziam outras coisas”, “quem nomeou essas outras [...], é que deveria explicar.” Então, quem deveria elucidar? Seria a cúpula do MPLA em 2005, sucessora das responsabilidades do antigo Bureau Político? Compartilhando a sua responsabilidade com outros e subordinando a Comissão aos desejos de uma entidade política ainda existente, o MPLA, Pepetela pretendia tirar o foco, apenas sobre a sua atuação, dividindo-a com uma parcela maior de indivíduos. Ao citar o Bureau Político do MPLA, como criador da Comissão, levou-nos a verificar que o presidente da república José Eduardo dos Santos, fora, no período da insurreição, membro do Bureau e presidente da Comissão de Inquérito ao fracionismo. Carlos Pacheco questionou, na declaração de Pepetela, a economia no relato, as omissões e os subterfúgios. Pontuava que os depoentes não respondiam de forma espontânea, mas sob intimidação física ou moral e muitos depois de sofrerem maus tratos.

A demanda de Pepetela, solicitando que a direção do MPLA fornecesse dados para delinear a atuação dele não foi suficientemente respondida: afinal, aquelas sessões de

¹⁸ PEPETELA. Farto do silêncio do MPLA (original digitalizado). *FUSO*, 27 de Maio Associação. Disponível em: <<http://www.27maio.com/a-paciencia-de-pepetela/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

¹⁹ PACHECO, op. cit., p. 77; 82; Cf. 78-81

interrogatório foram gravadas e poderiam ser divulgadas²⁰. Parece-nos que o governo do MPLA, em 2005, estava pouco preocupado com a “queima de imagem” do escritor; afinal, ele era um crítico do mesmo e ao partido não interessava remexer questões difíceis.

Quando o protagonista de *Predadores* rememorava o passado, o autor o fazia para ironizar a ambiguidade das trajetórias de muitos supostos revolucionários angolanos que desembocaram em posições capitalistas e antiéticas. Apontou que, muitos daqueles que viviam dentro do regime tendencialmente de esquerda, em novembro de 1975, estavam, como o protagonista Caposso, mais empenhados nas vantagens que o novo regime pudesse oferecer do que em cumprir algum abnegado objetivo revolucionário. Caposso, por exemplo, esforçava-se mais em se apossar dos bens deixados pelos portugueses, em fuga do país, do que na implantação do socialismo, estando, portanto, mais aflito em assegurar uma propriedade para si, do que em coletivizá-la. O protagonista tornou-se favorável à independência, menos por patriotismo do que pela oportunidade de se apropriar de uma loja e do terreno, que lhe era adjunto, deixados por seu ex-patrão, um lusitano em fuga. No dia da proclamação da independência angolana, preferiu abrir a sua nova loja, ouvindo, pelo rádio, as comemorações, enquanto todas as outras lojas estavam fechadas, pois seus proprietários ou empregados festejavam o evento. Contudo, transformou a sua somiticaria numa oportunidade de lucrar, naquele feriado inolvidável, em “sacrifício patriótico de trabalhar, enquanto os outros dançavam”, fornecendo mantimentos àqueles que precisavam. Mas, passada a festa, para se fazer de patriota, construiu inventivas de que estivera no local central das comemorações. Como outros, também escrevera na parede de seu imóvel: “Não encosta ou penetra, propriedade de camarada do MPLA” – revelando seu apego à propriedade privada, sob uma capa de revolucionarismo, de cunho socializante. Seu amigo Sebastião já se apercebia que, por detrás dessas suas ações, havia um “pensamento de pequeno-burguês”²¹.

O narrador ironiza como Caposso procurava, por meio de todos os trâmites, inscrever-se no MPLA pois, ser membro deste facilitava a vida na nova sociedade. Satiriza aqueles que assumiam uma postura adequada ao novo ideal político, tornada falsa, em

²⁰VOZ DA AMÉRICA. Pepetela: Carlos Pacheco não percebeu o que lhe aconteceu. 28 maio. 2006; PACHECO, op. cit., p. 77; Cf. BIOGRAFIA do Presidente da República. Ambassade de la République d’ Angola en Algerie. Disponível em: <http://www.amb-angola.gov.dz/index.php?option=com_content&task=view&id=13>. Acesso em: 10 ago. 2012. p. 75; MATEUS, Dalila Cabrita. Ainda hoje tenho pesadelos com este horror - 27 de Maio de 1977 - Exclusivo com Dalila Mateus. Entrevista concedida em 09 de maio de 2012. *Club-K*. Notícias imparciais & balanceadas de Angola. Disponível em: <http://club-k.net/index.php?option=com_content&view=article&id=11031:qainda-hoje-tenho-pesadelos-com-este-horrorq-27-de-maio-de-1977-em-angola-1o-parte-da-entrevista-com-dalila-mateus&catid=14:entrevistas&Itemid=149>. Acesso em: 4 jun. 2014.

²¹ PEPETELA, [2005], p. 129-132, Cf. 127; PINHEIRO, op. cit.

proveito de um oportunismo tacanho, exemplificado por Caposso que, ao se inscrever, por volta de novembro de 1975, no MPLA, evitou dizer ser proprietário de uma loja, mas sim empregado desta, e assim parecer mais proletariado do que pequeno-burguês, posição mais bem vista em um Movimento então de cunho cada vez mais socializante. Caposso conseguiu a carteira de membro do MPLA, com o qual pretendia abrir muitas portas, em uma sociedade por ele governada, por meio de um membro do Movimento. Esse último alegara que a organização tinha que tomar cuidado com elementos provindos da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) do colonizador, ou dos movimentos concorrentes, como a FNLA ou a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), que pretendiam ingressar nela para “sabotar”, a partir de dentro. Contudo, toda essa preocupação em evitar a entrada de pessoas maléficas ao movimento, paradoxalmente, diluiu-se, ante a soma de dinheiro que Caposso lhe repassara. Em outro exemplo, descrevia-se que o fiscal, que multou Caposso, porque o alvará de sua loja já caducara, foi o mesmo que sugerira que a legalização do estabelecimento poderia ser obtida por “corrupção ou jogo de influências”.²² Esse tipo de oportunismo mimético, assim como a relação entre atividade política e corrupção, parece ter irritado muito Pepetela, um revolucionário dos primeiros tempos.

Na narrativa, proliferava a invenção das tradições revolucionárias, nas trajetórias pessoais, pois davam prestígio aos indivíduos, em uma fase política cheia de patriotismo de esquerda. Pepetela denunciava ter havido, muitas vezes, no período do socialismo angolano, um revolucionarismo mais nominal que substancial. Tendo sido guerrilheiro e adotado, então, um codinome, o escritor permitiu ao narrador satirizar aqueles que, não tendo uma participação na luta da independência, inventaram um cognome revolucionário, só para ter prestígio político. Vladimiro escolheu para si esse nome por ser uma “adaptação portuguesa de Vladimir Ilitch Lenine,” líder da Revolução Soviética. Quando perguntado, por um militante do MPLA, como a administração colonial aceitara registrá-lo, teve que mentir, respondendo que, por isso, nunca possuía registro civil, vivendo na clandestinidade. Passou a assinar-se VC, lembrando “a Vitória é Certa”, principal palavra de ordem do MPLA”, inspiradora do “nome do jornal do movimento e cujas iniciais” pronunciadas “em inglês, ViCi”²³ – dizia-se “sempre no masculino, o Vici”²⁴ – fora nome da base guerrilheira do MPLA na Zâmbia”, por volta de meados da década de 1960²⁵.

²² PEPETELA, [2005], p. 145; Cf. p. 133; 135-136.

²³ PEPETELA, [2005], p. 73; 134;139. Cf. 135.

²⁴ PEPETELA. Correspondência eletrônica a Silvio de Almeida Carvalho Filho. 3 jan. 2014.

²⁵ PEPETELA, [2005], p. 139. Obs: A Base ViCi havia sido “uma antiga quinta” Cf. PEPETELA, 2014, situada “a 25 km de Lusaka” (MPLA. Centro de Documentação e Investigação Histórica do Comitê Central do MPLA

A atuação camaleônica do personagem, escamoteadora do seu real *leitmotiv* – fazer glória no período socialista – fê-lo tornar o seu pai um revolucionário e, sendo esse enfermeiro, ressaltava o frequente caráter independentista dessa categoria profissional no declínio do período colonial. *Predadores* testemunha como a guerra atribulou o país, permitindo, inclusive, imposturas – como a destruição dos registros escolares e dos bilhetes de identidade, o que permitiu a Caposso obter o reconhecimento de conclusão da sexta série do ensino fundamental, mesmo não tendo nenhuma prova disso, e a se registrar civilmente com duas testemunhas atestadoras de que ele chamava-se Vladimiro Caposso, natural de Catete, parido na aldeia de Caxicane, quando, na verdade, nascera em Calulo, no Cuanza-Sul. A escolha por essa aldeia, no Catete, devia-se ao fato de ser a terra onde nascera Agostinho Neto, líder da independência de Angola. O Catete era o centro de uma região algodoeira, considerada, desde o início da década de 1960, como uma área de revolta anticolonial latente e afeita aos grupos organizados pró-independência. Nos momentos iniciais do MPLA, na área ambundo,²⁶ havia animosidade entre dois subgrupos (os catetenses, habitantes da parte oeste, perto da costa, e os malanjinos, do interior), derivada de simpatias divergentes para com os movimentos nacionalistas. Os catetenses sentiam-se próximos ao MPLA, enquanto muitos malanjinos estavam inclinados à Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Isso deu fama aos catetenses de serem, na perspectiva do MPLA, muito nacionalistas. Em torno do Presidente Agostinho Neto, vários catetenses assumiram, dentro dessa última agremiação política, uma defesa incondicional de sua política e de suas ações, sendo vistos como “homens do Presidente”²⁷. Por isso, Caposso propalou, para todos, ter vindo ao mundo lá. Seu cartão de

(CDIH). 2008. *História do MPLA*. v. 2 (1967-1978). Luanda: Centro de Documentação e Investigação Histórica do MPLA (CDIH), p. 78), transformada em sede da “Direção Político-Militar do MPLA” (MPLA, 2008, p.75), em especial da III Região Político Militar do Movimento, a Frente Leste (MPLA, 2008, p.78), era um “acampamento militar, depósito de armamento e roupa e comida, escritórios, etc” (Pepetela, 2014a). Nasceu “intimamente ligada aos serviços de” Rádio e Telecomunicações (SRT), “importantes como meio estratégico em qualquer guerra” (MPLA, 2008, p.75), para dar resposta a instalação de um Centro Supra-Regional de Telecomunicações (CSRT), “local relativamente secreto para instalação de uma unidade potente, centralizadora de toda a rede nacional de comunicações [...] fora do alcance dos meios de retaliação do inimigo”, funcionando, portanto, “junto da Direção do Movimento”, importante para o Comando da Frente Leste (MPLA, 2008, p.77). Quando houve o acordo de paz e a mudança da Direção para Luanda em 1974, foi tudo desativado e o campo entregue” às “autoridades zambianas” (Pepetela, 2014a).

²⁶ Os Ambundos, Ambundu ou Mbundu são o segundo grupo étnico que vive em Angola na região da capital Luanda e nas províncias do Bengo, Kwanza Norte, Malange e nordeste do Kwanza Sul. A sua língua é o quimbundo.

²⁷ PINTO, Marcelo Bittencourt Ivair. “*Estamos juntos!*” O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974). Luanda: Editorial Kilombelombe, 2 v. 1, p. 339. Cf. 73; Cf. PEPETELA, [2005], p. 73; 134-137; 151-152; LABAN, Michel. *Escritores e Poder Político em Angola desde a Independência*. União dos Escritores Angolanos. Críticas e Ensaios. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/119-escritores-e-poder-pol%C3%ADtico-em-angola-desde-a-indeped%C3%A2ncia.html>>. Acesso em: 14 maio. 2011; SCHUBERT, Benedict.. Os protestantes na guerra angolana depois da independência. *Lusotopie*. Bordeaux: Centro d’ Étude d’ Afrique Noire, 1999. p. 405-413.

membro do MPLA confirmava essa naturalidade mas, depois, arrependeu-se dessa astúcia, pois ela lhe gerou “contrariedades”. Quer dizer, por serem tão poucos os catetenses, quase sempre se conheciam, sendo mais difícil manter a sua inverdade. Após a morte de Neto, em 1979, passou a lamentar-se de ter assumido essa naturalidade, porque escutou muitos dizerem que os de Catete “têm mania que são espertos” e “julgam que nasceram para mandar neste país”, o que lhe poderia gerar animosidades. Ademais, os catetenses, não encontrando a “raiz de sua família”, consideravam-no “um impostor”. Todas essas situações imaginadas evidenciam uma crítica contundente, de Pepetela, ao oportunismo utilizador de tradições revolucionárias para acobertar motivos escusos.

Satírico, em relação à fragilidade intelectual de certos militantes do MPLA, o narrador de *Predadores* explica a possível dificuldade e a pouca motivação dos militantes das camadas mais subalternas e pouco instruídas, da sociedade, em discutirem as longas e, para eles, “complicadas” teses enviadas para a preparação do Primeiro Congresso do MPLA, realizado em dezembro 1977, que iriam transformá-lo “de movimento para partido” marxista-leninista. Portanto, seria mais fácil aprová-las “sem emendas” e sem discussão. Todavia, nesse evento político, a classe operária foi declarada como líder do processo de socialização, pois fora previamente considerada pelo Marxismo-Leninismo como a mais competente para realizar a transformação.²⁸ À luz dessa escolha messiânica, esse enredo, em *Predadores*, expõe contradições entre o que era teorizado para essa classe social e o que, na prática, ocorria, com a atuação de vários de seus membros não interessados ou sem competências intelectuais para discutir os documentos preparatórios do congresso, pejados de marxismo-leninismo.

O narrador expressa profunda ironia, em relação ao Movimento de Retificação do MPLA, instituído nesse Primeiro Congresso. Pepetela, participante desse evento, deu então aval, não apenas à Retificação, mas também ao surgimento do partido marxista-leninista. Alegou que, naquele momento, não “tinha intenção de vir a integrá-lo” e que “seria uma forma de” se “desligar da política”. Portanto, em um depoimento de 2014, quis indiciar que não se sentia bem encaixado naquelas atuações políticas; todavia, delas participou. Achava, em 2014, ter sido “um erro” criar esse tipo de partido, mas estava cômico de que essa postura não teria vez na direção do MPLA naquele momento. O procedimento da Retificação,

²⁸ PEPETELA, [2005], p. 74-75. Cf. 73; 87; 136; 156; GIL, Rodeth Mákina. *Não é fácil falar sobre o Camarada Lúcio Lara*. Associação Tchiveka de Documentação. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/tchiveka/Home/livros-editados-1/tchi80-testemunhos/nao-e-facil-falar-sobre-o-camarada-lucio-lara>>. Acesso em: 19 fev. 2014; SOMERVILLE, Keith. *Angola: politics economics and society*. Boulder (Colorado): Lynne Rienner Publishers Inc.; London: Frances Pinter (Publishers), 1986. p. 98-99.

liderado por Lúcio Lara e iniciado em 04 de fevereiro de 1978, nasceu da necessidade da cúpula do Partido, em purificar os seus quadros, verificando quais dos antigos militantes aceitariam essa nova opção ideológica, evitando assim os futuros fracionismos, como a recente e pungente Insurreição Nitista de 27 de Maio de 1977.

Pepetela participou da Mesa de Retificação do Ministério de Educação; afinal, era então Vice-Ministro desse, junto com o Ambrósio Lukoki, titular do Ministério, e Agostinho Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu), Diretor do Departamento de Massas do MPLA. Logo, esteve na presidência das “assembleias em que os trabalhadores do Ministério se avaliavam, decidindo quem devia ou não entrar para o Partido, por votação”. Para Pepetela, o método da Retificação, a princípio, parecia “interessante”, mas as práticas revelaram-se, muitas vezes, o contrário. O autor, com o gradativo distanciar da cúpula do Partido, a partir de 1982, provavelmente, enquadrou melhor a intocabilidade dos que presidiram a Mesa, adquirindo consciência de que eles ficaram “automaticamente [...] membros do Partido, sem avaliação!” Isso indicava que, naquele momento, esse intelectual era tido como do núcleo exemplar e confiável do Partido, fiel à direção de Agostinho Neto, porque, afinal, estivera ao lado desse, em momentos tão difíceis como o da Revolta Nitista. Em outras palavras, havia, implicitamente, um lugar de autoridade para os que presidiram aquela Mesa de Retificação, a tal ponto de não se submeterem ao escrutínio de seus pares de forma democrática. O Movimento de Retificação gerou uma série de purgas, no partido, inclusive nas organizações voltadas para as massas, tais como a Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola (JMPLA), transformando a ampla frente do MPLA em um pequeno partido de vanguarda, com uma redução do número de militantes da organização, em torno de 70%. Em suma, a repressão ao Nitismo, o Primeiro Congresso e a Retificação permitiram a transformação do Movimento em um Partido que se pretendia monolítico²⁹.

Em *Predadores*, o narrador revela a possibilidade de militantes vivenciarem esse processo, superficialmente, preocupando-se sempre em tirar proveito das mudanças políticas. Nesse aspecto, seu posicionamento possuía afinidades com as asserções, em 04 de fevereiro de 1980, do recém-presidente José Eduardo dos Santos, de que os “oportunistas” conseguiram durante a Retificação, “obter o cartão de membro do Partido” para auferirem “vantagens e privilégios no aparelho do Estado”. Santos afirmava que, após conquistarem tal identidade,

²⁹ PEPETELA. Correspondência eletrônica a Silvio de Almeida Carvalho Filho em 10 de janeiro de 2014; Cf. PEPETELA, [2005], p. 156; GIL, op. cit.; CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Angola: nação e Literatura (1975-1985). 1994. 581 f. Tese (Doutorado em História Econômica)- Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2 v. 1994; HODGES, op. cit., p. 77; BARRADAS, Acácio (Ed.). Agostinho Neto, a vida e a obra. 12 nov. 2011. Disponível em: <https://cc3413.wordpress.com/tag/mpla/> >. Acesso em: 19 fev. 2014.

alguns descuraram a assiduidade, nas reuniões das células partidárias ou, quando operários, abandonaram as classes de alfabetização, por já se considerarem integrantes da “classe dirigente”. Essas práticas assinalavam, para o Presidente, uma “mentalidade pequeno-burguesa” e “não revolucionária”, ameaçando a “pureza ideológica do partido”.³⁰ Para Pepetela, a Retificação, em alguns locais, realizou-se com rigor, mas em outros, houve “alguns jogos sujos, próprios das lutas pelo poder, mesmo o mais pequeno poder”. Exemplificava que, muitos colegas de trabalho obstavam a participação no corpo partidário de “um candidato merecedor” por ser esse “exigente” ou porque poderia ser “promovido no serviço” e, com isso, passasse a comandá-los. Houve subordinados que aprovaram “um chefe incapaz, para não serem depois sancionados no serviço”³¹.

O narrador sinaliza o controle exacerbado das organizações políticas sobre os seus filiados. Por isso, zomba da Retificação, por realizar reuniões para avaliar quem, do MPLA, que por suas práticas e ideias, poderia permanecer no Partido, comparando os rejeitados a “pecadores”. A analogia desse expediente, a uma espécie de Juízo Final ou a uma validação de cunho religioso, expunha a sátira do narrador para com esse tipo de processo. Naquele tempo, por exemplo, o MPLA retirava de suas fileiras os que professavam abertamente alguma religião.³² Entretanto, aquele tipo de prática, em um partido que se pretendia ateu, portava uma taxionomia ortodoxa bem semelhante à de várias religiões.

Nesse texto, os personagens e o narrador exemplificam como as características do Estado clientelístico, patrimonialista e personalista são um sistema autorreprodutivo, capaz de utilizar elementos da sua estrutura para se produzir a si, a partir de si mesmo. Demonstra que o Estado angolano sofreu demandas, alterações e contradições variáveis, ao longo da história, mas que, determinados conteúdos e direções desses processos são determinados pela própria cultura política, de forma a garantir a sua (re) produção e viabilidade. Ou seja, nem sempre as desestabilizações, que ocorrem dentro do funcionamento do sistema estatal, são disfuncionais; certo grau de instabilidade faz parte de sua reprodução³³.

Os personagens e o narrador, em *Predadores*, fazem-nos compreender que “a lógica do serviço de Estado é, resolutamente, particularista e personalizada – longe das normas burocráticas [...] da maioria das sociedades ocidentais”. Os discursos, nesse livro,

³⁰ SANTOS, José Eduardo dos Santos. *Angodiaspora*. 4 fev. 1980. Disponível em: <http://angodiaspora.com/index.php/en/81-articles-exclusifs/370-tarefa-mediata-dos-militantes-honestos-do-mpla-face-o-retorno-da-capitalismo-articulado-ut-mpla>> Acesso em: 19 fev. 2014..

³¹ PEPETELA, 2014.

³² PEPETELA, [2005], p.157; Cf. SEBASTIÃO, Adriano. *Dos campos de Algodão aos dias de hoje*. [S. l.: s. n.], 1993. p. 100.

³³ ANTUNES, Gomes Catarina. *De como o poder se produz: Angola e as suas transições*. 2009. Coimbra. Tese (Doutoramento em Sociologia)- Faculdade de Economia/ Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. p. 13-15.

exemplificam as maneiras utilizadas, na política angolana, pelos indivíduos, grupos ou comunidades, em gerir soluções e amealhar recursos de forma personalizada, verticalizada e arbitrária, por meio de uma política e de uma economia onde as regras formais são desrespeitadas, havendo inadequação de mecanismos de responsabilização, de prestação de contas e transparência. O exercício do poder político central não foi emancipado do domínio das disputas localizadas e personalizadas. Essas situações, estruturadas por Pepetela, levam-nos a acreditar que ele inferia que o Estado angolano não alcançou plenamente uma institucionalização só existente com o surgimento de um serviço público com grande grau de liberdade em relação às pressões de interesses particulares.

Essa aparente desordem e um alto grau de ineficiência governamental ou administrativa interessavam a setores que ocupavam o governo. Portanto, desordem não significa aqui irracionalidade. Em geral, a ação política situava-se mais no personalizado, informal, no não codificado e no não policiado. Na verdade, significa uma condição que oferece oportunidades para aqueles que sabem como operar o sistema. Numa política de desordem, a habilidade de limitar a incerteza é um recurso valioso. O conhecimento e o controle da informação são críticos, em sociedades em desordem. Por isso, a preocupação com as influências, até ocultas, não controladas³⁴.

Apesar do Comitê Central do MPLA ter se decidido pela adoção do multipartidarismo, desde junho 1990, o narrador assinala que, na carreamento política do MPLA para as eleições multipartidárias de setembro de 1992, havia maior presença de carros do Estado do que privado; se denuncia a privatização do público, exemplificada na confusão ainda existente entre o que pertencia ao Partido e ao Estado. Mas, à parte a subversão entre o público e o privado, havia privilégios inacreditáveis, em um regime socialista, para os que exerciam cargos, semelhante à benesse, em 1978, de um diretor ter motorista privado para levar de casa para o trabalho e vice-versa. O uso, tanto do público como privado, parece indicar que, seguindo o ponto de vista weberiano, o Estado Moderno não estava, então, plenamente constituído, em Angola, pois esse não se coadunava com o patrimonialismo vigente no país. Ora, nesse último, ocorre a imbricação entre as esferas públicas e privadas, entre as posições do poder e as de acumulação, quer dizer, a noção que os detentores do poder político possuem, alguma propriedade sobre os recursos coletivos que administram, emergindo uma economia de “pilhagem” dos bens públicos e o chamado Estado Predador. A

³⁴ CHABAL, Patrick; DALOZ, Jean-Pascal. *Africa works: disorder as political instrument*. London: The International African Institute; Oxford: James Currey Publishers; Bloomington: Indiana University Press, 1999. p. 7, cf. p. xix – xx 1, 4, 5; HODGES, op. cit., p. 7, cf. p. xix – xx, 1, 4, 5, 74.

privatização, mesmo que parcial, do Estado, constitui um dos aspectos da criminalização do Estado na África, envolvendo prevaricadores, corruptos e autocratas; a formação de clientelas e uma luta agônica, a miúdo, violenta, contra os opositores ou a cooptação venal desses. A criminalização já germinava, sob o sistema colonial em África, pelo menos após 1930, e continuou dentro dos movimentos nacionalistas, bem como na gestão dos Estados pós-independências, tornando-se, alguns desses últimos, verdadeiras cleptocracias, desde meados das décadas de 1970 ou 1980. Desse padrão, Angola não escapou³⁵.

Por conseguinte, Vladimiro Caposso afirmava que, como político, tivera que ter visibilidade, mas que, então, com “os negócios”, preferia “andar mais na sombra.”³⁶ Essa obscuridade, nas ações empresariais, constituía uma metáfora para as práticas constantes de corrupção, em Angola.

Em *Predadores*, denuncia-se ser comum, em Angola, como em toda a África Subsahariana, a formação de clientelas. Logo, após a independência, os

crioulos lusófonos conseguiram praticamente o monopólio dos empregos estatais e defenderam a sua posição não só dirigindo o Exército e a Política, mas também conservando no aparelho burocrático posições e salários, por vezes redundantes, para si próprios e para as suas clientelas.

Muitas dessas eram nomeadas para empregos estatais, por meio de favores de líderes políticos e não de acordo com o profissionalismo e a competência, que devem caracterizar a escolha do funcionalismo público, pois ainda não se solidificara uma noção de , que ligaria o indivíduo diretamente ao Estado, acima e além dos laços de parentesco, comunidade ou facção. Daí, ser comum que chefes de unidades econômicas ou administrativas sejam pressionados, por pessoas influentes, a admitirem, nos serviços públicos, apadrinhados, por elas indicados. Essas práticas não concorrem para o bom funcionamento da administração, sendo, esse tipo de recrutamento do servidor público, estimulador dos abusos de poder, por parte desse, tornando o emprego público algo a ser explorado como um recurso privado. Os dados criticados em *Predadores* permitem-nos, novamente, indiciar que o Estado Moderno, de modelo ocidental, não estava plenamente institucionalizado em Angola. Portanto, aí, encontramos exemplo do que o cientista social Nuno Vidal, da Universidade de Coimbra, atestou, em 2006, um ano após a publicação de *Predadores*, de que a estrutura política angolana, seja socialista monopartidária ou capitalista

³⁵ PEPETELA, [2005], p. 15-16, 154; GABIZO, Mamoudou; THIRIOT, Celine. Le politique em Afrique dans La longue durée: historicité et héritage. In: _____. *Le politique em Afrique: état des débats et pistes de recherche*. Paris: Éditions Karthala, 2009. p. 21-42; 5; 24; BAYART, Jean-François, ELLIS, Stephen; HIBOU, Béatrice. 1997. De l'Etatcleptocrate à l'Étatmalfaiter? In: _____. *La criminalisation de l'État em Afrique*. Bruxelas: Éditions Complexe, 1997. p. 17-54, Cf. p. 19; 26; PESTANA, op. cit., p. 4;

³⁶ PEPETELA, [2005], p. 90.

multipartidária, servia-se da lógica patrimonial/clientelista³⁷.

Não só os poderosos, mas também elementos provenientes de diversas hierarquias sociais, de acordo com os seus meios e poderes, usufruíam dos proveitos advindos da apropriação do público pelo privado. Em *Predadores*, a narrativa encena, em Luanda, guardas de trânsito muito “zelosos” a parar, frequentemente, os carros, com objetivo de ganharem uma “gasosa”, caso conseguissem algum erro na documentação,³⁸ ou seja, uma amostra da pequena propina praticada em Angola. Em suma, a criminalização do Estado não era efetivada somente pelos altos cargos, mas dela muitos participaram: de fato, introduziu-se na cultura política.

O narrador sublinha a enorme expatriação ilegal de grandes capitais, realizada por setores da burguesia angolana, inclusive, para paraísos fiscais, facilitada, segundo o texto ficcional, pelos altos escalões do Banco Nacional de Angola. As saídas financeiras eram efetuadas por uma mistura de adulteração de faturas comerciais, subornos e transferências diretas, por pessoas ricas, auxiliadas por bancários especialistas nesses trâmites que, por sua vez, também enriqueciam corruptores ativos e passivos. Nesse sentido, nada mais faz Pepetela que denunciar, literariamente, a evasão apontada por David Sogge, correspondente a 216 % do PIB registrado de Angola, entre 1985 e 2004, constituindo um dos piores casos de hemorragia financeira da África Subsaariana. Assim, o autor proveu, com os exemplos “fissionais”, o que aparece, de forma exacerbada, no Indicador de Percepções de Corrupção da ONG *Transparency International*, que ordena os países, em função dos níveis de corrupção percebidos no sector público, a partir de inquéritos realizados com especialistas e homens de negócios. Nesse índice, Angola aparece, em 2010, como um dos países mais corruptos da África, depois da Somália, do antigo Sudão, do Chad, e de Burundi³⁹.

No livro analisado, Pepetela ficcionou a ascensão de uma burguesia abastada

³⁷ BIRMINGHAM, David. Language is power: regional politics in Angola. In: HART, Keith; LEWIS, Joanna (Ed.). *Why Angola Matters*. Oxford: Centro de Estudos Africanos, Universidade de Cambridge e James Currey, 1995. p. 93; HODGES, op. cit., p. 67; Cf. BAYART; ELLIS; HIBOU, op. cit., p. 21; CHABAL; DALOZ, op. cit., p. 6-7; VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, N.; ANDRADE, J. P. (Org.). O processo de transição para o multipartidarismo em Angola. Luanda; Lisboa: Edições Firmamento, 2006. p. 11 – 57; ANTUNES, Gomes Catarina. *De como o poder se produz: Angola e as suas transições*. 2009. 453 f. Tese (Doutoramento em Sociologia)- Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

³⁸ PEPETELA, [2005], p. 39.

³⁹ PEPETELA, [2005], p. 39, Cf. p. 30; 32; 35-6; cf. BAYART; ELLIS; HIBOU, op. cit., p. 13; SOGGE, David. *Angola: Estado fracassado bem-sucedido*. Fundación para las Relaciones Internacionales y el Diálogo Exterior (FRIDE). Working Paper/ Documento de trabajo, 18 abr. 2009. Disponível em: www.fride.org/.../2009WP81_Angola_failedyetsuccessful_Port_may09.pdf> Acesso em: 8 maio. 2011. p. 9; POESCHL, Gabrielle; RIBEIRO, Raquel.. Ancoragens e variações nas representações sociais da corrupção. *Análise Social*. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2010, v. 196, p. 419-445; TRANSPARENCY INTERNATIONAL. *Corruption Perceptions Index 2010*. Berlim: Transparency International, 2010. p. 14

paralelamente ao empobrecimento da maioria da população. A desigualdade, em Angola, cresceu de forma assustadora: a despesa mensal do decil mais rico das famílias era, em 1995, 12 vezes superior ao dos mais pobres, enquanto em 2000/1, dados apontavam que o decil mais rico gastava 27 vezes mais que o mais pobre. O escritor, que sempre se definiu como um “socialista utópico”, difundia a sua indignação com o enriquecimento fácil e, muitas vezes, ilícito, por meio da crítica dos pequenos e grandes indícios de ostentação desses novos ricos: desde as suntuosas casas adquiridas, até o uso, pelo personagem principal, Caposso, de caríssimo uísque, pois ele achava que “não era pelintra nenhum”. O narrador, ao descrever o grosso cordão e a cruz em ouro de “mais de seis centímetros de comprimento”, comprados na Europa, usados pelo protagonista,⁴⁰ espicaça o “mau gosto” de um arrivista, pois o gosto “é a expressão distintiva de uma posição privilegiado no espaço social”, servindo “de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado”⁴¹. Contudo, a burguesia angolana emergente esforçava-se, a qualquer preço, para se diferenciar do populacho; logo, em seus restaurantes granfinos, deliciavam-se, com os pratos internacionais, recusando “os funjes, cabidelas ou kisakas da tradição”⁴². Esse juízo de Pepetela não é uma opinião acre e idiossincrática de um intelectual acutilado, porque, até o Conjunto Ngonguenha, *rappers* de Luanda, ante a jactância dos ricos, assegurava, em 2010, que, simultaneamente, “tem vontade de rir e de chorar”, pois, a cada novo rico, mais pobres surgiriam em Angola⁴³.

O clientelismo não se constituiu apenas entre governantes e governados, mas também emergiu entre patrões e empregados, estando geralmente estruturado em torno de favores concedidos e cumplicidades em malversações. Por conseguinte, o protagonista Vladimiro Caposso estava certo de que o personagem “José Matias era homem seu, [pois] fora buscar à rua e ao desespero [...] com medo de ir para a guerra” – algo então comum aos jovens angolanos – tendo-o livrado “da tropa” e lhe dado trabalho, envolvendo-o em negócios escusos. Era convicto de que Matias não o trairia, porque, caso o incriminasse, Vladimiro acusá-lo-ia de cúmplice. Do mesmo modo, o personagem Nunes, funcionário do Banco Nacional de Angola, que se enriquecia com as remessas ilegais, para o exterior, de seus poderosos clientes, sabia que, se algum mal lhe ocorresse, por acobertar essas ações, esses o

⁴⁰PEPETELA, [2005], p. 88, Cf. p. 78; Cf. HODGES, op. cit., p. 65.

⁴¹BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 56.

⁴²PEPETELA, [2005], p. 92. Obs: O funge é uma massa cozida feita de farinha de milho. A cabidela é um frango cozido com o seu sangue. A kissaka é nome de prato culinário, feito de folha de mandioca, refogada com dendê e amendoim.

⁴³LANÇA, Marta. 2010. Conjunto Gonguenha: ninguém os sungura! *Buala - cultura contemporânea africana*. 2 set. 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/palcos/conjunto-gonguenha-ninguem-os-sungura>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

defenderiam “com unhas e dentes”. Em troca, devia fidelidade aos clientes, caso contrário, algo de ruim também lhe poderia ocorrer.

Vladimiro Caposso iconizava a denúncia de Pepegela das infrações cometidas por setores de uma burguesia emergente, ligada ao MPLA, por volta de 1992, porque se consideravam “acima de qualquer suspeita” para os setores policiais do país, demonstrando um sentido de impunidade, que percorria vários estratos sociais ligados ao poder. A tolerância de crimes e desacatos, transpirante em *Predadores*, explica-se quando tomamos ciência de que, em 2007, dois anos após a publicação dessa obra, a transparência orçamental angolana era uma das mais baixas no mundo. Faltava perspicuidade, ao ser a proposta governamental de orçamento não debatida publicamente, inexistindo, portanto, qualquer reconciliação entre as rubricas da despesa orçamentada e a sua execução, assim como não eram feitos relatórios de auditoria às prestações de contas.

A Lei da Alta Autoridade Contra a Corrupção de 1996 ainda não fora implantada, embora já fizesse nove anos de sua promulgação, assim como o Tribunal de Contas, instituição suprema de auditoria, só recentemente começara a funcionar, mas, até então, não produzira qualquer relatório de auditoria, investigação ou recomendação que fosse de conhecimento público⁴⁴. Ora, se mesmo em países possuidores de leis e órgãos fiscalizadores efetivos, a corrupção dribla e se reproduz, imaginemos o laxismo que ocorria em Angola, ante a inexistência desses. A desorganização que *Predadores* assinala possuía uma racionalidade: facilitar a impunidade dos infratores.

Predadores, de Pepegela, comprova que a Literatura, como a História, busca dar sentido ao caos dos fatos e, ao fazê-lo, assume ou reitera posturas políticas, podendo tornar-se claramente engajada. Por meio de seu anti-herói, Vladimiro Caposso, a obra iconiza a crítica às práticas de poder, vigente na sociedade civil e política, em Angola. Vinculado, visceralmente, à utopia socialista, Pepegela ressentia-se da traição a esse ideal, denunciando os discursos e as práticas autodenominadas “revolucionárias”, quando, na verdade, não o eram. Nesse livro, são verberados, largamente, os expedientes de apropriação do público pelo privado, definidores de um Estado patrimonialista e, no caso, mais que isso, de um Estado Predador. Caro leitor, esperamos que, por todas as argumentações postas, este artigo estimule a leitura de um dos mais extraordinários livros da literatura angolana.

⁴⁴PEPETELA, [2005], p. 19; 37; Cf. p. 20; ISAKSEN, Jan; AMUNDSEN, Inge; WIIG, Arne. *Orçamento, estado e povo: processo de orçamento, sociedade civil e transparência em Angola*. Bergen (Noruega): Chr. Michelsen Institute, 2007., p. viii, ix.